



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA: UMA ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS NO PIBID

Naita Aparecida Nunes De Lima ¹

Adma Bernardino Magalhaes ²

Resumo: O presente estudo é resultado das experiências como bolsista de iniciação à docência no âmbito Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. O objetivo é socializar as repercussões da oficina de Literatura infantil do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”, da autora Ana Maria Machado. Este estudo, possibilitou compreendermos, a partir do confronto das situações didáticas com as discussões teóricas, que a literatura tanto pode valorizar a identidade da criança negra bem como pode estigmatizar a negritude e sua cultura.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Educação; Identidade; Criança negra.

Considerações iniciais

O presente estudo é resultado das vivências desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, a partir das intervenções pedagógicas, proposta pelas bolsistas de Iniciação à Docência (IDs), por meio de oficinas, que se utilizaram da literatura infantil, em um Centro de Educação Infantil do município de Bom Jesus da Lapa-Bahia.

A partir das vivências, no PIBID na III unidade na Turma do 1 Período da Educação Infantil, durante as semanas de observação foi possível evidenciarmos que as crianças inseridas no centro de educação infantil são a maioria de etnia negra, e, ao observarmos as aulas com as professoras supervisoras, percebemos que durante as atividades que envolviam pinturas com lápis de cor as crianças sempre pediam o Lápis “cor de pele” para ilustrar os desenhos do corpo. Assim, essas questões nos inquietavam, quando olhávamos para ver qual era o lápis que as crianças estava chamando de “cor de pele” constatamos que eram os lápis de tons “bege e salmão”.

A partir dessas observações, que foram levadas para dialogar no planejamento, propusemos trabalhar com livros de literatura infantil que representassem a criança

¹ Graduanda em Pedagogia e bolsista pelo programa institucional de bolsas de iniciação a docência (PIBID) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, DCHT Campus XVII.

² Professora Coordenadora do PIBID na UNEB Campus XVII. Orientadora do Artigo.



negra, ao procuramos no acervo da escola encontramos apenas um livro, foi necessário então, pesquisarmos na internet e imprimirmos versões de histórias infantis em Pdf.

Nesse viés, para o desenvolvimento das oficinas como sugestão da professora supervisora durante o planejamento, foram escolhidos três livros de literatura infantil que ilustrassem como protagonista a criança negra sendo estes: **Cabelo de Lelê, Menina Bonita do laço de fita, As tranças de Bintou.**

Nesse estudo, temos como foco problematizar em que medida a literatura infantil intervém ou não no processo de construção da identidade étnica racial da criança? Como Objetivo geral: Analisar as concepções de crianças e professores sobre negritude e identidade étnica.

- Identificar o tipo de literatura utilizada na unidade III e identificar abordagens e personagens negros (**Menina Bonita do laço de fita.**)

- Conhecer a percepção das crianças sobre a criança negra apresentada na literatura e como ela se identifica ou não.

Este estudo, baliza-se na pesquisa de abordagem qualitativa, onde se dá maior importância para a compreensão dos dados, do que à sua explicação, sendo o pesquisador seu principal instrumento de investigação (TOZONI-REIS, 2009). Para coletamos os dados, por meio da observação e registros das ações, elaboração e aplicação de atividades realizadas com a contação de histórias e utilização de vários recursos como roda de conversas, pinturas, auto-retrato.

Discussões e resultados das vivências no PIBID

A construção da identidade da criança perpassa por um processo social de influências, por meio das quais a família é a primeira instituição em que se tem o começo das descobertas de identificação, que vai se construindo gradualmente, de acordo com o contexto que a criança está inserida. Nesse sentido, além da família, participam neste processo a igreja, os amigos (representando as relações sociais como um todo), e a



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

escola como uma grande instituição social, que, como os demais espaços, desempenha a função de construção das identidades.

Assim, as identidades se constroem em espaços escolares e não escolares. Para este estudo busco analisar a construção da identidade racial das crianças no espaço da educação infantil, tendo como objeto de estudo a análise da literatura infantil utilizada nas práticas pedagógicas na educação infantil e sua relação com a construção da identidade racial da criança.

Haja vista que as práticas pedagógicas precisam considerar a criança como sujeito que constrói sua identidade individual e coletiva, como enfatizam as diretrizes curriculares para a educação infantil.

[...]Educação infantil, deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações relações e práticas cotidianas que vivenciam, constroem sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, observa, aprende, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura. (BRAZIL, 2009, Art.4º).

Nesse sentido, para o desenvolvimento integral da criança, é necessário na educação infantil explorar as narrativas e promover a contação de histórias, são estratégias que podem ser utilizadas por professores para promover a construção da identidade das crianças.

De acordo com Nascimento (2006) a literatura infantil é, antes de tudo, literatura ou arte, fenômeno de criatividade que representa a vida, o mundo, a realidade. Ela enriquece a imaginação da criança, oferece-lhe condição de criar, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade.

É importante ressaltar que há uma gama de literatura infantil disponível para ser trabalhada nas escolas, porém, em sua maioria, privilegia modelos sociais da branquitude, não é raro encontramos nas escolas e centros de educação infantil contos de fadas de príncipes e princesas brancos e loiros, nas narrativas de contação de histórias bem como na decoração das salas.

Silva (2004), em seu estudo sobre o livro didático apresenta a categoria da representação social para ilustrar como a cultura pode ser distorcida a partir de



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

estereótipos falsamente produzidos os quais a burguesia, desde sempre, esteve a favor de explorar, desse modo, a população negra passa a ser dominada por um sistema elitista opressor.

Cabe ressaltar que é importante uma construção curricular multireferenciado socialmente na narrativa étnica e racial, como propõe Silva (2011), segundo este autor a questão de raça e etnia não é um “tema transversal”: ela é uma questão central de conhecimento, poder e identidade. O conhecimento sobre raça e etnia incorporado no currículo não pode ser separado daquilo que as crianças e os jovens se tornarão como seres sociais. Portanto, é de suma relevância problematizar sobre o papel da escola e as implicações da literatura na construção da identidade da criança negra.

Um estudo realizado por Lopes e Filho (2010) ao analisar a literatura infantil recomendada pelo do programa nacional biblioteca na escola (PNBE), revelaram que os materiais recomendados para se trabalhar nas escolas em sua maioria reproduzem o padrão eurocêntrico, contemplando apenas as crianças brancas de forma positiva.

Durante o planejamento do PIBID no centro de educação infantil, foi possível contatamos a ausência de infantil que representasse o etnia negra, entretanto, as fabulas clássicas de padrão eurocêntrico havia muitos. Embora não esteja presente nas bibliotecas de muitas escolas públicas brasileiras, é importante ressaltarmos que na contemporaneidade houve avanços significativos na produção de literatura infantil, várias obras que valorizam a cultura, identidade, religião e contos africanos.

Como resultado da luta do movimento negro, a literatura torna-se uma importante aliada na construção de uma educação antirracista. Nesse viés, as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana regulamentam a alteração trazida à Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. De modo, que serão ministrados em todas as atividades curriculares da escola, em especial na área de Literatura, Artes e História. Nessa perspectiva, a literatura infantil quando referenciada

nos princípios da igualdade étnica racial, pode contribuir significativamente nos espaços escolares e não escolares.

O objetivo da oficina foi ampliar o repertório cultural das crianças com vista a (Re) construção e valorização da identidade da criança negra; estimular o respeito às diferenças e diversidade cultural, além disso ressignificando o corpo e cabelos negros.

A oficina se constituiu de uma contação de história, “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado conta a história de uma menina negra e de um coelho branco que sonha em ter uma filha bem pretinha tal qual a menina. A História foi apresentada por meio da leitura no Power point, e uma apresentação em vídeo. Foram confeccionados pelas bolsistas IDs com alguns materiais: Papelão, eva, TNT, uma boneca semelhante a protagonista da história contada e a arte foi exposta na sala.



Fonte: Diário de bordo com memórias do PIBID

Após a contação de histórias foram realizadas rodas de conversa, dinâmica de grupo, produção de *autorretrato*.

Durante a socialização da história, questões referentes alguns pontos da história, foram problematizadas junto às crianças, como: por que a menina bonita do laço de fita era pretinha? Por que somos brancos/negros? Vocês são iguais? O que é ser bonito? Ao fazer esses questionamentos algumas crianças enfatizaram:

“Por que somos seja branco ou negro por causa de nossa família, nosso, pais, nossa mãe, nosso tio”. (Ana, 4 anos).

“Tia, sou pretinha igual a menina, minha família é toda preta. Somos lindos. (nina, 5 anos).

“Somos diferente tia”. (Lívia, 5 anos).



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

A partir das falas das crianças evidenciamos que elas possuem suas concepções de pertencimento étnico, de sua identidade cultural. No ensejo, reafirmamos com as crianças que todos nós temos nossa identidade. Pois segundo, Hall (2011) a identidade cultural são aqueles aspectos de nossa identidade que surgem de nosso, “pertencimento á culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, e acima de tudo nacional. Assim, identidade da criança afrodescendente se dá a partir de múltiplos elementos.

Dando continuidade aplicação da oficina no 2º momento foi realizada uma dinâmica para conhecer a percepção de criança, a fim de perceber se as crianças se identificavam ou não da criança negra apresentada do livro de literatura infantil contada as bolsista Ids, que pediram às crianças que formassem uma fila única de frente para a lousa, e solicitou que as crianças que se consideravam da cor da protagonista da história contada” menina bonita do laço de fita” era para essas crianças dá um pulinho para frente. Ao todo na turma no dia da oficina havia 16 crianças, sendo estas somente duas crianças que eram brancas, as demais negras, no momento que umas das bolsista pediu que desse um pulinho para frente as crianças que eram negras, três crianças que eram negras não pularam, ao perguntarmos por que não pulou? uma das crianças nos dizem: “eu não sou negra! sou moreninha, tem gente que é branco outros escurinho e outros moreninho“(Clara, 4 anos).

Em um momento da roda de conversa umas da crianças que é negra diz “minha mãe é branca!”(Joana, 5 anos). A professora supervisora intervém: “Sua mãe é da sua cor é morena só é mais clarinha.

A expressão “morena” na contemporaneidade é chamada de colorismo onde a “pessoa de pele negra será classificada como morena” (Kabengele Munanga, 2018). Para este referenciado autor, as pessoas são discriminadas com as nuance da cor da pele, do mais claro ao mais escuro, em alguns contextos uma pessoa negra é chamada de “morena”.

Ainda conforme Munanga (2018), algumas pessoas não têm consciência do conceito de negra. Isso, leva o próprio negro a reproduzir, faceta construída pela braquitude, na tentativa de apagar a identidade negra. Assim sendo, o fragmento acima



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetitê, BA**

explicar o ocorrido expressado pela professora, bem como por uma das crianças que se afirmava como “Morena”, dentro e fora dos espaços escolares as crianças quando vivenciam a negação da identidade negra nos contextos em que estão inseridas, tendem a internalizar e normatizar esta negação e isso reflete diretamente na construção de sua identidade.

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. É importante lembrar que a identidade construída pelo negro se dá não só por oposição ao branco mas, também, pela negociação, pelo conflito e pelo diálogo com este. As diferenças implicam processos de aproximação e distanciamento (GOMES, 2003, P.171-172).

Em um momento de intervenção, a professora acabou reproduzindo a discriminação ideológica “moreninha clara”, essas questões mostram que o tempo todo precisamos estar atentos, nas afirmações e questionamentos que muitas vezes as crianças expressam, para que nossas intervenções pedagógicas não venham reforçar as discriminações ideológicas, haja vista que a escola é um espaço de construção de identidades, e as nossas ações são parte desse processo.

Compreender a complexidade na qual a construção da identidade negra está inserida, sobretudo quando levamos em consideração a corporeidade e a estética, é uma das tarefas e desafios colocados para os educadores. Deveria, também, ser uma das preocupações dos processos de formação de professores quando estes discutem a diversidade étnico-cultural. (GOMES, 2003, 173).

Diante do exposto, os processos de formação de professores que se debruçam sobre as construções teóricas e metodológicas da diversidade étnica e culturais, precisam pensar na relação pedagógica que emerge do educador na construção da identidade negra dos educandos, é preciso pensar que o professor é sujeito, corpo pertencente, que seus corpos estão presentes cotidianamente, os processos de formação de professores precisam refletir sobre as representações que os docente constroem sobre o negro em sua trajetória histórica e cultural.

No último momento da oficina propusemos uma “dinâmica do espelho” atividade de “autorretrato” as crianças se viram no espelho observando sua fisionomia e



posteriormente ao distribuímos uma folha A4, foi solicitado para se desenharem e pintassem.

No momento de distribuição dos lápis uma das crianças pede as bolsistas lds, “tia, eu quero o lápis cor de pele”, ao olharmos os lápis as crianças estava pedindo, verificamos que era os lápis “bege e Salmão” uma das crianças ainda disse: “sou cor de pele”. Neste momento, percebemos a necessidade de conversar com as crianças e explicar que os lápis que eles estavam pedindo não eram cor de nossas peles afinal, existem pessoas, brancas, negras e indígenas e que as cores dos lápis não legitimam a cor de uma pele.

Corroborando com Boucinha (2014), chamar o lápis rosa claro de cor-de-pele, tem um sentido, mais amplo do que simplesmente nomear uma tonalidade em uma paleta de cores. Identificar determinadas cores como cor-de-pele significa legitimar que a cor da pele normal dominante é aquela. Qualquer outra cor diferente, não é a cor de pele “oficial”.

Em sua pesquisa sobre “lápis cor-de-pele” Boucinha (2014), salienta que não há uma definição do surgimento (lápis cor de pele), mas os fabricantes de lápis de cores, durante muito tempo perpetuaram o lápis rosa como lápis cor de pele. Após muitas críticas os fabricantes mudaram o nome para rosa claro. Infelizmente, essa mudança tardia não surtiu efeito na desconstrução e deslegitimação do preconceito produzindo nos lápis de cores.

Considerações finais

Este estudo, expõe a necessidade de ampliar a produção literária infantil que chega às escolas, espaços educacionais, de modo que represente positivamente a diversidade étnica de nosso país. A partir da oficina desenvolvida no âmbito do PIBID, percebemos que a literatura infantil mediada pela contação de história que apresenta a criança negra positivamente, corrobora para construção da identidade das crianças, além disso, propicia familiaridade com o livro, além disso, faz a criança refletir sobre o seu



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

pertencimento, Reconhecendo as crianças como sujeitos de direitos, construtora de sua identidade individual e coletiva, que precisam ser referenciadas socialmente, a partir de seu pertencimento étnico.

Arelados a estes fatos, as vivências que vêm sendo construídas no PIBID proporcionam aos futuros Pedagogos, um contato mais intenso com a realidade escolar e suas complexidades, oportunizando um rico processo de formação, que está sendo essencial para construção da identidade docente. As reflexões teóricas e metodológicas vivenciadas no cotidiano escolar, nos apontam para a necessidade de incorporar o ser negro nos processos de formação de professores, pois o mesmo é corpo pertencente e sujeito imerso, nas representações étnicas produzidas nas ações cotidianas sobre a população negra.

Em suma, as vivencia construída no âmbito, do PIBID, possibilitaram refletir sobre as concepções de negritude e identidade que estão imersas no chão da escola, identidades que se produzem, nas relações de pertencimentos, nas interações sociais, políticas, econômicas e culturais, que se produzem sob influencias de educação e educações mediatizadas pelos espaços culturais de onde emergimos, e que influenciam tanto na valorização como para negação identidade racial, que se produz a partir dos currículos ocultos e prescritos.

Referências

BOUCINHA, Camila Alves. **“O lápis cor de pele”**: a construção da identidades raciais nas práticas escolares, trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, faculdade de Educação, curso de Pedagogia Licenciatura, porto Alegre, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica . **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de Dezembro de 2009b, Seção 1,18.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pôs-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LOBATO, Ladyana dos Santos e SANTOS Ana Rosa Pereira dos. **Personagens Negros na Literatura Infantil: análise de O Menino Nito, de Sonia Rosa**. Campina Grande: REALIZE Editora, 2012.

NASCIMENTO, Zilda Elena Vieira N17m **Memorial de formação** /- Campinas, SP: [s.n.], 2006. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

MUNANGA, Kabengele. 2018 <https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-e-preciso-unir-as-lutas-sem-abrir-mao-das-especificidades/> Acessado as 15:50

Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnicos-Raciais**. Brasília: Secad, 2010

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2ª Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.